

**ALTERNÂNCIA ENTRE A LÍNGUA MATERNA E ESTRANGEIRA EM UMA INTERAÇÃO INTERCULTURAL:
INFLUÊNCIAS NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL E RELAÇÕES INTERPESSOAIS**

Carolina de Viterbo LAGE
Universidade Federal de Minas Gerais
caroldeviterbo@gmail.com

Resumo: O presente trabalho parte de noções pluralistas da identidade e da cultura analisando os diferentes usos da língua materna e estrangeira em uma interação intercultural. Discute-se a relação dos participantes com a língua e com a identidade cultural, bem como as implicações que elementos como a proficiência linguística podem ter na delimitação de grupos em uma interação. Utiliza-se como corpus a transcrição de uma discussão entre brasileiros e alemães bilíngues filmada em 2010, assim como as entrevistas retrospectivas realizadas com os sujeitos. Através dessa análise procura-se obter uma melhor compreensão dos processos interculturais e dos contatos interlinguísticos, cada vez mais comuns na contemporaneidade. (Apoio FAPEMIG)

Palavras-chave: identidade; cultura; comunicação intercultural; proficiência linguística

1. Introdução

No contexto atual, onde o contato entre os povos e as línguas é favorecido pela globalização torna-se fundamental o estudo de encontros interculturais e de sua influência na construção da identidade dos indivíduos. Tais encontros manifestam-se não apenas no nível cultural, mas também no nível linguístico, na medida em que os falantes são expostos a situações em que o contato com a língua estrangeira é inevitável ou mesmo desejado. A relação da língua com a construção da identidade social é dessa forma intensificada em contextos multiculturais e multilíngues, onde ela pode ser associada aos diversos grupos sociais, culturais, linguísticos ou mesmo àqueles constituídos no momento da interação.

Este trabalho traz reflexões sobre o conceito de língua associado a uma perspectiva pluralista da identidade e cultura. Partindo da análise de uma interação entre brasileiros e alemães, verifica-se as influências da proficiência linguística na delimitação de grupos durante a interação e consequente construção da identidade dos indivíduos.

2. Identidade e formação de grupos

O conceito da homogeneidade de comunidades de fala e, por extensão, dos indivíduos que delas fazem parte, que muitas vezes é tomado como pressuposto em algumas teorias, parece absolutamente idealizado quando se pensa que o pertencimento a comunidades linguisticamente pluralistas é uma realidade para a maior parte dos seres humanos (cf. Rajagopalan, 2001). Mesmo em comunidades ditas monolíngues, o contato com diferentes línguas e culturas existe e é cada vez mais facilitado pela globalização e a crescente velocidade da troca de informações.

As teorias tradicionais da linguagem, porém, não abarcam essa multiplicidade na conceituação de identidade, o que se torna patente na própria etimologia do termo indivíduo, como aponta Rajagopalan: “Um indivíduo é invariavelmente concebido como um eu indiviso e indivisível” (2001, 29). De acordo com ele, o conceito de identidade em linguística precisa urgentemente de uma revisão, uma vez que “a identidade individual como algo total e estável já não tem nenhuma utilidade prática num mundo marcado pela crescente migração de massas e pela entremesclagem cultural, religiosa e étnica” (idem, p. 40).

Quando a diversidade linguística e cultural é vista como realidade e não como exceção, e o indivíduo visto como um ser pluralista, influenciado pelo contato com diversos grupos sociais, o conceito de identidade torna-se mais complexo e difícil de se determinar. De acordo com Rajagopalan, a identidade de um indivíduo é construída na língua e através dela, não existindo uma identidade fixa e exterior à língua. Isso implica uma mutabilidade constante, um estado permanente de fluxo das identidades da língua e do sujeito. Essa posição dá um certo dinamismo à ideia de identidade, mostrando-a não como uma característica interna do indivíduo, mas também exterior a ele e construída por ele na medida em que usa a língua. Essa visão, porém, traz alguns questionamentos relacionados ao caráter social da língua. Sendo a língua a “expressão das necessidades humanas de se congregarem socialmente” (Mey, 2001, p. 76), como ficaria a definição de identidade ao se pensar nos diferentes grupos sociais que inevitavelmente entram em contato cotidianamente? Não seria a identidade influenciada por eles? Mey busca de certa forma integrar esses conceitos, afirmando que a sociedade seria responsável por construir a conexão entre as pessoas e a língua que falam, criando dessa maneira a identidade dos indivíduos. Esta, por sua vez, seria não somente a expressão do íntimo do indivíduo, mas acima de tudo uma forma de a sociedade se expressar

através de seus membros (Mey, 2001, p. 76-77).

Apesar da sua amplitude em relação à definição de Rajagopalan, a definição de Mey não integra a noção de grupos sociais, uma vez que mostra a sociedade como uma instância abstrata. Entende-se aqui que a sociedade deve ser compreendida como um organismo composto por diversos grupos sociais em constante mudança e evolução, propiciada pelo contato entre seus membros e os membros de outros grupos.

Pertencendo a variados grupos desde o momento de seu nascimento, uma mesma pessoa tem sua formação e comportamento influenciados por uma rede de relações, o que contribui para a formação de sua identidade e posicionamento no mundo. O contato entre os grupos sociais, bem como o pertencimento de cada indivíduo a diversos grupos sociais simultaneamente é que dá à identidade um caráter multifacetado e pluralista e o que a torna única para cada ser humano.

Baseando-se na diversidade de grupos a que um indivíduo faz parte, Tajfel define a identidade social como a parte da autoimagem de um indivíduo que deriva do seu conhecimento do pertencimento a um grupo (ou grupos) social juntamente com o significado emocional ligado a esse pertencimento (1974, p. 69). Apesar de não considerar a dimensão linguística da identidade, essa definição apresenta as vantagens de incluir um nível subjetivo, considerando a auto-imagem e os sentimentos dos indivíduos, bem como a noção de simultaneidade do pertencimento de indivíduos a grupos sociais. Neste trabalho, ao usar o termo identidade estarei me referindo à noção trazida por Tajfel, considerando porém a interação e o uso da língua em contextos sociais como o fator decisivo para a construção da identidade.

3. Cultura

Embora o termo “cultura” possua um conceito muitas vezes intuitivo, sua definição entre estudiosos apresenta diversas variantes, algumas vezes divergentes. As pessoas normalmente conseguem definir claramente se determinados comportamentos, crenças e valores podem ser considerados “culturais”. Por outro lado, o caráter abstrato do termo torna sua definição difícil e raramente consensual (cf. Žegarac, 2008 e Spencer-Oatey, 2008). Apenas para mencionar alguns exemplos, podem ser considerados como cultura: os valores, crenças e expectativas compartilhados¹, a programação coletiva da mente que distingue os

1 Values, beliefs and expectations that members come to share (Maanen e Schein, 1979 apud Heringer, 2007, p.

membros de um grupo humano dos membros de outro² ou um conjunto de experiências sociais, estruturas cognitivas, expectativas e práticas que possui a natureza de um 'aparelho mental'³. Embora todas essas definições pudessem ser adotadas neste estudo, não será necessário ater-se a uma abordagem tão mentalista para se aproximar da questão central desta pesquisa. É importante, porém, reconhecer algumas das características inerentes à cultura, como a noção de grupo que a acompanha, indissociável do seu caráter humano e da sua diversidade.

A noção de cultura exposta neste trabalho associa-se a grupos sociais e faz referência principalmente aos grupos etnolinguísticos a que um indivíduo pertence. Nesse sentido, a cultura estaria associada tanto a variáveis políticas e geográficas (i.e., onde um indivíduo nasceu/viveu) quanto a variáveis linguísticas (as línguas que o indivíduo fala). Sendo a cultura também um grupo social, pode-se dizer que os indivíduos constroem uma identidade social em relação à sua cultura. Poderíamos falar nesse caso de uma “identidade cultural”.

Assim como ponderado nas reflexões sobre a noção de identidade, entende-se aqui que a cultura não pode ser tratada como algo indivisível e estável. De acordo com Loenhoff, a cultura pode ser vista como condição e resultado da comunicação, além de ser constituída dentro da prática comunicativa (1992 apud Schröder, 2008). Isso daria à cultura uma dimensão mutável, associada à dinamicidade das interações entre grupos e indivíduos.

Apesar da pluralidade de grupos a que os indivíduos pertencem e do caráter multifacetado e mutável da identidade, existem algumas tendências que podem ser observadas em grupos etnolinguísticos. Falaríamos por exemplo de uma “cultura brasileira”, que reúne determinados valores e comportamentos que podem ser manifestados de maneiras diferentes nos indivíduos que fazem parte do grupo cultural brasileiro. Tais valores e comportamentos não são estáveis, mas evoluem juntamente com a sociedade na medida em que os grupos e indivíduos interagem.

4. Pesquisa

Sendo a cultura e a identidade constituídas a partir da interação entre indivíduos e

105) Tradução minha.

2 The collective programming of the mind which distinguishes the members of one human group from another (Hofstede, 1980 apud Heringer, 2007, p. 105) Tradução minha.

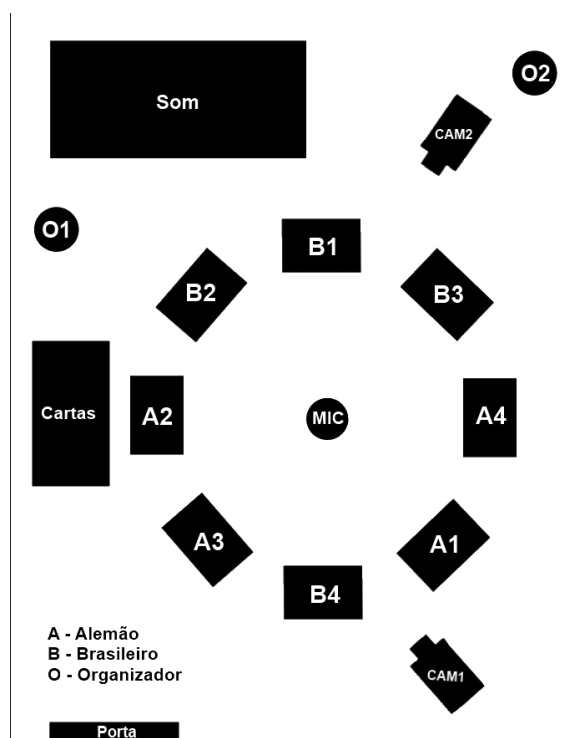
3 an 'ensemble' of social experiences, thought structures, expectations, and practices of action, which has the quality of a 'mental apparatus' (Redder e Rehbein 1987, p. 20 apud Clyne 1994, p. 3) Tradução minha.

grupos sociais e diretamente relacionadas à língua utilizada pelos indivíduos, surge o questionamento de como se daria um encontro de indivíduos com línguas maternas e culturas diferentes. Haveria uma modificação nos seus padrões comunicativos, que se acomodariam⁴ em relação ao interlocutor? Seria desenvolvida uma reflexão sobre o seu uso da língua e seu pertencimento à cultura de origem?

A pesquisa mostrada aqui tenta responder a esses questionamentos, tomando por base uma discussão entre estudantes brasileiros e alemães.

Essa interação foi organizada em 2010 no âmbito do projeto de pesquisa “Comunicação Intercultural entre brasileiros e alemães”, selecionando quatro alemães universitários e quatro estudantes brasileiros. Como os alemães estavam na época morando no Brasil e possuíam conseqüentemente conhecimentos de português e da cultura brasileira, foram selecionados brasileiros que possuíssem conhecimentos da língua e conseqüentemente da cultura alemã para fins de comparação. A interação durou cerca de duas horas e foi estimulada por cartas contendo perguntas simples de cunho pessoal a que os participantes deveriam responder alternando a moderação das perguntas.

Os participantes puderam escolher livremente seus assentos, sendo que no quadro abaixo pode-se ver um esquema representativo da discussão, com a posição ocupada pelos participantes.



4 Ver Teoria da Acomodação Comunicativa, em e.g. Giles, Coupland e Coupland (1991)

Depois do encontro foram realizadas entrevistas retrospectivas com os participantes, onde foi mostrada a filmagem, e eles puderam falar sobre as impressões gerais do encontro, o que permitiu uma profundidade maior na análise da interação. Nas próximas seções serão analisadas a transcrição da filmagem e trechos da entrevista, focando principalmente no uso da língua materna e estrangeira e na formação de identidades.

5. Formação de grupos baseado na proficiência linguística

A discussão transcorreu em grande parte em português, provavelmente influenciada pelo fato de a proficiência em alemão dos participantes brasileiros ser menor do que a proficiência em português dos falantes alemães. Dois participantes brasileiros (B1 e B4) já haviam passado algum tempo na Alemanha, o que não era o caso de B2 e B3, que apresentaram dificuldades e insegurança para se comunicar em alemão. Já os participantes alemães moravam no Brasil há algum tempo, o que contribuiu para que apresentassem pouca dificuldade para se expressar em português (à exceção de A3). O fato de a discussão ter sido realizada no Brasil provavelmente influenciou para que o português tenha sido a língua dominante da discussão.

De acordo com as instruções passadas aos participantes no início da interação, a escolha do código linguístico era livre e poderia ser feita de acordo com a vontade dos participantes. Os casos de mudança de código podem ser associados a diferentes fatores, entre os quais se incluem o relato de experiências específicas de uma língua ou país, a menção de palavras estrangeiras no discurso e a considerações sobre a proficiência linguística do interlocutor.

Na interação, os participantes apresentaram níveis diferentes de participação, e diferentes usos das línguas materna e estrangeira, o que pode ser associado à proficiência linguística dos participantes e a estratégias de interação, visando por exemplo, tornar a sua fala mais confortável para o interlocutor. Durante a discussão, em situações em que o interlocutor não apresenta grande domínio da língua em que a interação ocorre, observa-se uma tendência de acomodação do discurso em relação ao outro, procurando tornar a fala mais fácil ou traduzi-la, facilitando assim a comunicação. Na passagem abaixo pode-se observar essa tendência, com as tentativas de B1 de traduzir sua fala, possibilitando a compreensão de alemães e brasileiros.

B1: eu estudei medicina veterinária né ich bin ein tierarzt... aber ich bin als beruf ein börsemarkler eu sou corretor de ações... de profissão que o que eu gosto mesmo é: finança é: mexer com: dinheiro ahn compra vende

Na ocorrência dessa fala, no início da interação, não se conhecia ainda o nível de proficiência de português dos participantes alemães, o que pode ter favorecido a tentativa de acomodação de B1. Esse tipo de estratégia cria um ambiente de cooperação entre os participantes, facilitando a comunicação, além de ser uma forma de mostrar aos demais participantes o domínio dos dois idiomas.

A situação inversa, onde um participante fala em sua língua materna sem se preocupar com o nível de proficiência dos demais pode gerar o efeito contrário, como afirma B3 em entrevista:

B3: ((risos))... eu não achei isso legal.

Entrevistador: o quê?

B3: eles começaram a discutir.. em alemão.

Entrevistador: por quê?

B3: é porque:: eles.. ah:: eles não sabiam o nível de alemão de cada um e eles falavam como se.. como nativo mesmo. bem rápido assim.. então..parecia que assim esquecia que cê tava ali. te ignorava () eles começavam a falar assim do nada ((risos))

É interessante notar que B3 foi um dos participantes que menos se manifestou durante a discussão. Pode-se perceber que durante a interação os participantes que apresentam um maior nível de proficiência nas duas línguas e o demonstram, também são aqueles que apresentam uma maior participação e engajamento, além do apreço dos demais participantes. Isso pode ocorrer por alguns motivos: de um lado existe a possibilidade de que os participantes sem proficiência em uma das línguas se retraiam durante a interação por não entender o que está sendo falado ou mesmo por não terem coragem de se manifestar, como mostra a entrevista de B3 em outro trecho. Por outro lado, há a possibilidade de a manifestação de proficiência bilíngue criar laços de identificação entre os participantes, que formando um *ingroup*, passam a interagir mais entre si e a se favorecer enquanto grupo. Nota-se que nas duas possibilidades, o resultado é o mesmo: a intensificação da divisão entre *ingroup* e *outgroup* e a alteração na dinâmica de interação.

Além da proficiência linguística, existem outros fatores que contribuem para a formação de grupos durante uma interação, como a concordância em relação a determinados assuntos, as similaridades de padrões comunicativos que seus participantes apresentam, entre outras. Em Lage (2011) são analisados alguns aspectos como estratégias de acomodação e de

polidez utilizadas pelos participantes dessa interação e que contribuem para a formação de grupos durante a discussão. Nesse trabalho percebe-se que os grupos formados durante a interação não são necessariamente coincidentes com os grupos etnolinguísticos dos participantes. Os indivíduos mais engajados na discussão e que apresentam características em comum são chamados de *ingroup* e são constituídos pelos participantes B1, A1, A2 e A4. Podem-se perceber ao longo da discussão algumas estratégias usadas por esses participantes que demonstram sua existência enquanto grupo, como compartilhamento de risadas, concordância com os demais membros, entre outros. Os demais participantes (B2, B3, B4 e A3) não chegam a constituir um grupo coeso, no sentido de que eles não apresentam estratégias que demonstram um favoritismo por pelos outros. É interessante notar que os participantes do *ingroup* são também aqueles que apresentam uma maior proficiência em ambas as línguas.

A partir desse trabalho nota-se portanto que o pertencimento a um grupo etnolinguístico parece influenciar a delimitação de grupos durante uma interação intercultural, mas não é determinante, uma vez que o *ingroup* foi constituído por três alemães e um brasileiro e não por quatro alemães, como se poderia esperar. Por outro lado, a proficiência linguística, característica intrínseca de um membro de um grupo etnolinguístico, é um fator decisivo para a delimitação de grupos, o que mostra a importância da língua na delimitação da identidade.

6. Considerações finais

A formação de grupos durante uma interação pode ter uma influência decisiva na construção da identidade social. Embora a situação analisada aqui seja uma microperspectiva de interações inseridas em contextos sociais reais, pode-se perceber através dela algumas possíveis consequências de interações interculturais. Nota-se que a língua, a comunicação, apresenta um papel central, sendo não só um elemento central na experiência da outra cultura, mas também um verdadeiro divisor de águas durante a interação: aqueles que conseguem se expressar com proficiência aceitável são acolhidos no grupo, enquanto aqueles que não demonstram essa proficiência ou que não apresentam características desejáveis para serem aceitos como membros são excluídos. Transportando essa situação para um encontro

intercultural a longo prazo pode-se ter inúmeras consequências, criando, por exemplo, grupos discriminados por sua proficiência linguística, como é o caso de imigrantes turcos na Alemanha ou mesmo de migrantes originários do Nordeste, no Brasil.

O contato contínuo com indivíduos de culturas diferentes pode ter consequências tanto no sentido de acomodar os padrões comunicativos do estrangeiro aos padrões da cultura em que ele está inserido quanto no sentido inverso, intensificando características que podem ser consideradas como próprias da cultura de origem de um indivíduo, como uma tentativa de manter os laços com a cultura de origem⁵ ou, em outras palavras, de manter sua identidade social. Essa última possibilidade pode ser vista no participante A2, que morava há oito anos no Brasil na época da interação e que apresenta algumas características atribuídas à cultura alemã mais desenvolvidas do que nos outros participantes alemães, como mostrado em LAGE (2011).

É importante também mencionar aqui a característica multicultural apresentada pelos indivíduos participantes da discussão analisada. Como discutido por Yläanne (2008), os grupos culturais são percebidos aqui como possuidores de fronteiras identificáveis e significativas, mas não necessariamente estáticas. A cultura não é vista como um rótulo com o qual os indivíduos se identificam plenamente. Ao contrário, a identidade cultural apresenta indeterminações e lutas entre diversas alternativas, conforme a visão de Homi Bhabha (1994, apud Yläanne, 2008). Na discussão analisada essa indefinição também pode ser vista, como por exemplo na fala de A2 a respeito do seu sentimento em relação ao Brasil e à Alemanha e à incerteza em relação a qual país ele consideraria um lar:

A2: da última vez eu me senti bem, muito bem porque eu simplesmente sabia eu sou quem eu sou sim eu falo a língua mas eu não morei aqui já há tanto tempo e eu não era... eu não era estudante na universidade (...) mas isso também está ok e agora... agora eu sinto de novo a necessidade assim um pouco de voltar para minha terra mas também não no sentido de que eu moraria na Alemanha e tal, mas ficar um pouco lá. Eu tenho alguns conhecidos, alguns amigos.
(...) sim eu venho da Alemanha, né? Mas então eu sempre me senti bem quando as pessoas não percebiam de cara que eu era alemão. Eu sempre gostei muito disso... Mas bem, eu já estou há tanto tempo aqui, eu falo português tão bem que eles pensam que eu sou brasileiro. Ah, isso é bom!

Embora essa influência por mais de uma cultura seja em A2 possivelmente mais intensa que em outros participantes, devido ao seu tempo maior de vivência no “estrangeiro”,

5 Veja o artigo de Alfred Schütz (1944) para mais detalhes sobre esse assunto

ele consegue captar o sentimento de pertencimento a mais de uma cultura que pode ser observado também em outros participantes, como B1 ou A4. É interessante observar também o destaque dado pelo participante à importância da língua na determinação da sua identidade: ao mesmo tempo que ele reconhece ter origem alemã, se alegra por não ser reconhecido como tal, mostrando uma incerteza no posicionamento em relação a um dos grupos. Isso revela uma dificuldade em se precisar o pertencimento de um indivíduo a um grupo cultural e de se delimitar a identidade do mesmo. Como discutido anteriormente, somente uma noção pluralista de cultura e identidade pode dar conta de tais fenômenos, cada vez mais frequentes na nossa sociedade.

Referências

CLYNE, Michael. *Inter-cultural communication at work: cultural values in discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

GILES, Howard; COUPLAND, Justine; COUPLAND, Nikolas. *Contexts of Accommodation. Developments in applied sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

HERINGER, Hans Jürgen, *Interkulturelle Kommunikation: Grundlagen und Konzepte*. 2. ed. Tübingen: Narr Francke Attempto, 2007.

LAGE, Carolina de Viterbo. Processos interpessoais e intergrupais em um contexto bicultural, 2011 (rascunho)

LEVINE, John M.; HOGG, Michael A. (eds). *Encyclopedia of group processes and intergroup relations*. London: Sage, 2010, p. 445-448.

MEY, Jacob. “Etnia, identidade e língua”. In: SIGNORINI, Inês (org.). *Linguagem e identidade*. Campinas: Mercado das Letras, 2001

RAJAGOPALAN, K. “O conceito de identidade em linguística: É chegada a hora para uma reconsideração radical?” In: SIGNORINI, Inês (org.). *Linguagem e identidade*. Campinas: Mercado das Letras, 2001

SCHRÖDER, Ulrike. Comunicação Intercultural: uma desconstrução e reconstrução de um termo inflacionário. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 9, n. 1, p. 38-49, 2008.

SCHÜTZ, Alfred. “The Stranger: an Essay in Social Psychology”. In: *The American Journal of Sociology*, vol. XLIX, nº 6, 05, 1944, 499-507.

SPENCER-OATEY, Helen (Org.). *Culturally Speaking: Culture, Communication and Politeness Theory*. 2. ed. Londres: Continuum, 2008

TAJFEL, Henri. "Social identity and intergroup behaviour". *Social Science Information*, v. 13, p. 65-88, 1974

UNGEHEUER, Gerold. "Vor-Urteile über Sprechen, Mitteilen, Verstehen". In: UNGEHEUER, Gerold. *Ungeheuer Kommunikationstheoretische Schriften I: Sprechen, Mitteilen, Verstehen*. Aachen: Rader Publikationen, 1987, 290-338.

YLÄNNE, Virpi. "Communication Accommodation Theory". In: SPENCER-OATEY, Helen. *Culturally Speaking. Culture, Communication and Politeness Theory*. New York: Continuum, 2008, 2^a ed., p, 164-185.

ŽEGARAC, Vladmir. Culture and communication. In: SPENCER-OATEY, Helen (Org.). *Culturally Speaking: Culture, Communication and Politeness Theory*. 2. ed. Londres: Continuum, 2008, pp. 48-70.